



v.13, n.27, 2016

Extra

Dossiê Teoria Crítica

SOBRE A ATUALIDADE DA TEORIA CRÍTICA: ALGUNS ASPECTOS [ON THE ACTUALITY OF CRITICAL THEORY: SOME ASPECTS]

Oneide Perius

Professor de Filosofia na Universidade Federal do Tocantins.

E-mail: oneidepe@yahoo.com.br

RESUMO ABSTRACT

O presente texto pretende apresentar argumentos que evidenciem a atualidade da Teoria Crítica e a sua importância para a análise filosófica das sociedades contemporâneas. Expor a realidade desde a lógica profunda que a ordena e, assim, desvelar suas contradições: este é o núcleo filosófico deste projeto de uma teoria crítica da sociedade e disso advém sua atualidade.

The present text intends to present arguments that evidence the actuality of the Critical Theory and its importance for the philosophical analysis of the contemporary societies. Exposing reality from the deep logic that orders it and unveiling its contradictions: this is the philosophical core of this project of a critical theory of society and this comes from its relevance.

PALAVRAS-CHAVE KEYWORDS

Teoria Crítica; Atualidade

Critical Theory; Actuality

Quando se fala em Teoria Crítica é sempre muito importante perceber que aquele grupo de intelectuais que se reuniu desde 1923 em torno do *Instituto para pesquisa Social (Institut für Sozialforschung)* traz consigo uma concepção nada tradicional de filosofia. Assim como o marxismo do grupo era um marxismo bastante heterodoxo, também o era a sua concepção ou mesmo as suas concepções de filosofia. De um modo geral, este grupo de intelectuais tinha um objetivo muito claro: mostrar as contradições de uma sociedade que fazia questão de escondê-las para que o sonho e projeto de uma sociedade emancipada não fosse bloqueado e desperdiçado. Para isso, análises teóricas foram mescladas com pesquisas empíricas, ressaltando o caráter interdisciplinar e concreto da filosofia. Aquilo que Theodor W. Adorno chamaria posteriormente de “primazia do objeto” sempre foi um postulado fundamental da Teoria Crítica.

Esta primazia do objeto indica, antes de qualquer coisa, uma responsabilidade para com a realidade. Não se pode partir simplesmente de uma concepção filosófica como se esta tivesse dito e definido o que é a realidade. A realidade precisa, sempre de novamente, ser minuciosamente investigada. Esta é a marca da postura filosófica que precisa alimentar qualquer pesquisador que hoje em dia pretenda se associar à tradição da Teoria Crítica. Não há uma metodologia definitiva que defina de uma vez por todas como a realidade deve ser conhecida. É o próprio demorar-se no objeto que ensina a melhor forma de conhecê-lo. Para ser ainda mais preciso: não é todo mundo que fala de Theodor Adorno, de Walter Benjamin ou outro autor desta rica tradição que está de fato de acordo com o que significa a filosofia para este grupo de pensadores. Ainda que distintas concepções de filosofia estejam presentes nas obras destes autores, há uma exigência fundamental que as reúne: expor a realidade em suas contradições, removendo a espessa camada de produtos e propagandas que a escondem. A tarefa urgente e necessária da filosofia, dessa maneira, é penetrar nas construções dos castelos teóricos abstratos que a racionalidade ocidental erigiu para plantar aí a semente da dúvida e da crítica. Trata-se de testar os princípios teóricos na realidade. Perceber, por traz das mistificações e distorções, a lógica profunda que ordena a realidade. Captar, ainda que sempre provisoriamente, o movimento do real.

Também é importante assinalar que a situação histórica deste grupo de intelectuais nos diz muito sobre o seu legado para a filosofia. Em pleno século XX, no período entre guerras, o que se torna claro é que quando a realidade desmente a razão e suas promessas de reconciliação, o que passa a ser tarefa do filósofo não é continuar simplesmente acusando o irracionalismo da ordem sociocultural mas, ao invés disso, rever o próprio conceito de razão. Talvez sua impotência não seja somente o resultado de um abismo intransponível em relação à realidade. Talvez, e este é o coração do ousado projeto de inaugurar uma *dialética do esclarecimento*, possamos encontrar, sob esta aparente impotência, uma cumplicidade da razão para com esta realidade. Talvez a ordem sociocultural não seja simplesmente irracional, mas seja fruto legítimo de determinado modelo de razão. Acusar a barbárie anômala desde a imaculada razão só pode ser, desde então, ingenuidade filosófica.

O presente texto, dessa forma, pretende abordar a possibilidade de sobrevivência



da crítica filosófica depois da modernidade eufórica que, ao mostrar seu fracasso da forma mais dramática e sangrenta, corre o risco fazê-la desaparecer. Trata-se, em outras palavras, de pensar a atualidade da Teoria Crítica. Trata-se de mostrar suas características fundamentais e apontar para a sua sobrevivência necessária nos dias atuais. Para isso, como pretendemos mostrar, é decisiva a postura filosófica deste grupo de intelectuais: a filosofia não pode repetir uma adesão cega à modernidade e à razão. A filosofia não é simplesmente o culto à razão e a crítica do irracionalismo. O grande legado da Teoria Crítica é ter apontado a necessidade de a filosofia revolver as raízes da racionalidade para, nesta própria razão, desvelar sua cumplicidade com o totalitarismo, com a guerra e com a indústria de morte. A crítica filosófica se torna uma autocrítica da razão.

A tradição da Teoria Crítica traz consigo, dessa maneira, uma dupla exigência para a filosofia: fazer a crítica da realidade e fazer a crítica da razão. Nada, por óbvio, que a grande tradição da filosofia já não tenha feito. Talvez a marca fundamental neste caso seja a ênfase nestes aspectos naquele peculiar momento histórico. Perceber e denunciar certa cumplicidade da razão – ou ao menos de um determinado conceito de razão – com o totalitarismo e a barbárie não deixa de ser uma pequena revolução filosófica em um contexto onde a ingenuidade ou interesses mantinham a razão e suas “instituições” intocadas e imaculadas.

* * *

A pergunta pela atualidade é, em todas as épocas, uma pergunta decisiva. Cada época, a seu modo, faz um inventário do passado, o classifica e o revolve através de genealogias e arqueologias estabelecendo, por fim, um tribunal que julga o que ainda precisa ser lembrado e o que pode e mesmo precisa ser esquecido. A pergunta pela atualidade, assim, traduz o anseio de se apropriar do que é o melhor desde nossa perspectiva, a atual. Convocar o passado para reforçar as lutas teóricas e práticas do presente. Atualizar. É mesmo bastante difícil que no campo das investigações filosóficas alguém possa se opor a isso. O exercício de atualizar é um exercício de todas as gerações, de todas as épocas. É o posicionar-se.

Nestes últimos anos, em especial por certo receio de perder o fermento crítico de obras como as de Hegel, Marx, Adorno ou Benjamin em meio aos relativismos teóricos da chamada pós-modernidade, uma profusão de obras e artigos pretendem discutir e estabelecer a atualidade destes autores em particular bem como da tradição filosófica de modo geral. Este movimento é certamente vital. E na maioria dos casos bem intencionado. No entanto, alguns autores ao fazerem desta questão da atualidade uma questão fundamental da filosofia, começam discutindo o sentido aparentemente muito óbvio desta questão. Todo conceito quando passa a fazer parte da fala cotidiana corre o risco de ser banalizado. Por isso é preciso, antes de qualquer outra coisa, questionar o sentido deste movimento de atualizar a filosofia.

Theodor Adorno, na ocasião de uma homenagem ao aniversário de morte de Hegel, faz a seguinte reflexão em torno da tarefa de se ocupar com a obra deste filósofo e fazer



uma apreciação crítica e também uma homenagem (*Würdigung*):

Esse conceito (*Würdigung*), se tem algum valor, tornou-se insuportável. Ele anuncia a pretensão insolente de quem detém a questionável sorte de viver mais tarde, obrigado por sua profissão a ocupar-se daquele sobre quem tem de falar, de destinar soberanamente ao morto seu lugar, colocando-se de algum modo acima dele. Essa arrogância ecoa nas detestáveis perguntas sobre qual o significado de Kant, e agora também de Hegel, para o presente. Foi dessa maneira que o assim chamado “Renascimento de Hegel” começou há meio século, com um livro de Benedetto Croce que visava separar o que era vivo daquilo que estava morto em Hegel. A questão oposta não é sequer levantada, de saber o que o presente significa diante de Hegel; de saber se por acaso nosso conceito de razão, que teria aparecido após a razão absoluta de Hegel, em verdade há muito não regrediu para alguém dela, acomodando-se ao que simplesmente existe.¹

Esta reflexão de Adorno nos ajuda a entender um pouco a obsessão pela atualidade. Ao simplesmente julgar o que passou desde a perspectiva do presente não se estará fazendo outra coisa senão dar razão a um historicismo que vê a história como o tribunal da razão. Para pensar numa perspectiva adorniana cito aqui Amaro de Oliveira Fleck “a história não é o tribunal da razão que emite um veredito final acerca do pensar ultrapassado, mas que muitas vezes é o pensar obsoleto que porta em si a pretensão de racionalidade que foi abandonada ou menosprezada pelo curso da história.”² Pensar a atualidade, dessa maneira, ao menos desde a perspectiva da Teoria Crítica, é pensar o presente a partir dos “ecos das vozes que emudeceram”. É responsabilizar-se, através de uma política da memória, pelo outros que dedicaram suas vidas, antes de nós, para que fosse possível manter viva uma ideia de redenção, um sonho de uma sociedade emancipada. Ao mesmo tempo é a responsabilidade filosófica de comparecer ante a pretensão de verdade de obras que atualmente são relegas ao esquecimento.

Nesta perspectiva, é muito significativo recordar o maravilhoso e exigente texto de Jacques Derrida “Espectros de Marx”.³ Numa época que proclama o caráter obsoleto da obra de Marx, – é importante destacar que este livro foi escrito logo depois da queda do muro de Berlim – o filósofo franco-argelino pretende pensar desde os espectros de Marx que ainda nos assombram. A lógica do espectro desestabiliza *nossa* lógica. O espectro sai quando se quer que ele permaneça, permanece quando se quer que ele saia. A lógica do

1 ADORNO, Theodor W. Drei Studien zu Hegel. In: *Gesammelte Schriften in 20 Bänden*. Band 5. (Herausgegeben von Rolf Tiedemann unter Mitwirkung von Gretel Adorno.) 3. Aufl. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1990. p.251. Aqui seguimos a tradução feita na edição brasileira da obra: ADORNO, Theodor W. *Três Estudos sobre Hegel*. (Trad. Ulisses Razzante Vaccari) São Paulo: Editora UNESP, 2013. p.71.

2 FLECK, Amaro de Oliveira. *Theodor W. Adorno: Um crítico na era dourada do Capitalismo*. Tese de Doutorado. (UFSC) 2015.p.17.

3 DERRIDA, Jacques. *Espectros de Marx*. (Trad. Anamaria Skinner). Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.



espectro é, assim, a lógica do outro. É a pura alteridade que não se deixa apreender. Da mesma forma, depois de nossa época ter pretendido enterrar Marx definitivamente, os seus espectros ainda nos questionam. Na maioria das vezes sobrevivem e se manifestam nos lugares onde menos se procura por eles. E quase sempre estão ausentes nos lugares onde são invocados. Ainda assim nos questionam e é a eles que precisamos responder.

Em síntese, ainda que tenhamos apontado apenas este breve exemplo da obra de Jaques Derrida, um grande grupo de pensadores coloca para si a tarefa de pensar a atualidade da filosofia em geral e de obras filosóficas em particular desde uma lógica diferente daquela do historicismo que, no final das contas, adere completamente ao que está dado. A partir de uma ética da memória pensar a atualidade é desmascarar a opacidade e estreiteza da racionalidade contemporânea desde a exigência posta por uma tradição que nossa época considera obsoleta. Assim, a Teoria Crítica opera a síntese entre a exigência hegeliana de pensar o conceito da realidade, ou seja, desvelar a lógica que estrutura o real e a perspectiva marxiana de pensar o que o conceito não consegue abarcar, mostrando assim a não identidade entre o conceito e a realidade. Além disso, soma-se a perspectiva freudiana de pensar os danos psíquicos causados por essa lógica social sobre os indivíduos nas sociedades contemporâneas. É um olhar na contramão da modernidade que insiste em colocar o homem como autônomo e como aquele que desde essa autonomia constrói sua própria história. Para localizar e precisar melhor a atualidade da tradição da Escola de Frankfurt, dessa maneira, é preciso reconstruir, ainda que brevemente, como nasce o projeto de uma dialética da modernidade.

A modernidade, orgulhosamente, se apresenta como época em que o ser humano se vê como sujeito de sua própria história. Modernidade, neste sentido, é a autoconsciência de um sujeito racional que descobre esta mesma racionalidade como o veio profundo que alimenta todas as especulações sobre a realidade desde a antiguidade, além de ser o motor do próprio movimento desta realidade. Era a própria racionalidade operando desde estes tempos remotos. A diferença é que no mundo antigo e no mundo medieval, para situar apenas duas épocas cuja importância já é amplamente atestada pela filosofia, a racionalidade ainda não se reconhecia plenamente como motora deste processo e, por isso, investia instâncias extrarracionais como se fossem sujeitos de uma história que ela mesma movia. O *Cosmos* em sua perfeição e beleza plástica no mundo antigo; Deus onisciente, onipresente e onipotente na Idade Média. Estes foram os sujeitos, as instâncias objetivas ante as quais a razão se calava. Assim, a modernidade foi a época não apenas da razão, mas sim, da autoconsciência racional. A razão, ou como Hegel preferia dizer, o *espírito* se descobre como o sujeito da história. Rompe assim, como consequência dessa autoconsciência, com os falsos ídolos cujos grilhões se impunham aos seres humanos. A história não é regida por instâncias metafísicas ou sobrenaturais; ela é movida pelas ações concretas dos seres humanos no mundo.

A modernidade se apresenta, portanto, como um tempo novo (*Neuzeit*). Um tempo de construção. Se nas épocas anteriores o espírito se via acomodado em repetir uma ordem



não questionada, no mundo moderno o espírito ou a razão se descobrem como efetivos agentes e instauradores de qualquer ordem. É uma época onde se olha para o futuro, para a construção de um mundo de acordo com as expectativas dos seres humanos. Ou seja, uma época onde a expectativa torna-se muito maior e se afasta das experiências feitas até então. Desse modo, podemos compreender a modernidade, os novos tempos, como uma época radicalmente orientada para o futuro. A tradição, que caracteriza o espaço de experiências compartilhadas é progressivamente abandonada em nome do novo, das promessas deste novo tempo. Neste sentido é que nasce a mais aguda consciência do “fazer a história”.⁴

Esta narrativa praticamente apologética da modernidade, porém, não pode simplesmente ser repetida como mantra otimista. Rapidamente, paralelo a este discurso filosófico da modernidade, surgem faíscas de divergência no plano teórico e fatores objetivos que desmentem a unilateralidade otimista deste discurso moderno. Não estamos aqui nos referindo à mentalidade reacionária de não aceitação da modernidade em nome da ordem de um mundo pré-moderno. O discurso que nos interessa observar aqui é aquele que desvela as limitações e mesmo contradições do discurso moderno desde dentro, a partir de uma crítica imanente. Esse discurso, que denominaremos aqui como *dialética da modernidade*, emerge e ganha força no instante em que os ídolos que haviam sido expulsos dos altares do mundo pré-moderno começam a ser substituídos por novos ídolos que, mesmo sendo produções humanas sem uma aparência sobrenatural, impõem-se objetivamente com a mesma força dos antigos ídolos e exigem, por vezes, sacrifícios ainda mais sangrentos.

Karl Marx, um dos mais eminentes precursores desta dialética da modernidade, faz uma exposição detalhada destes novos ídolos que exigem vítimas neste mundo de aparência secular. O novo princípio metafísico que os produz também foi localizado e identificado com precisão: o capital. O capital, apesar de ser produto concreto do trabalho humano, esconde essa sua origem ao criar e manter uma ordem objetiva no interior da qual o trabalho se organiza. O capital esconde sua condição de produto ao apresentar-se como instaurador de uma ordem natural anterior ao próprio trabalho.

Desse modo, se o discurso da modernidade é um discurso de libertação do sujeito desde sua potência racional e um discurso de emancipação e de construção de uma história humana, o que Marx traz à tona é a sobrevivência subterrânea e velada de ídolos que objetivamente bloqueiam qualquer tentativa de efetivar o discurso da modernidade como época da liberdade. As condições objetivas de um trabalhador braçal do período da revolução industrial era a de ter que trabalhar durante uma jornada de trabalho extenuante para receber um salário que nem sequer garantia sua sobrevivência. Assim, o discurso de um mundo livre onde o próprio ser humano pudesse construir sua história não passava de um conto de fadas diante da dureza imposta por uma ordem regida pelo capital. O discurso filosófico da modernidade em seu caráter libertador passa a ser usado para encobrir uma situação social e econômica objetiva que exigia sacrifícios cada vez mais significativos da

4 KOSELLECK, Reinhart. *Vergangene Zukunft : zur Semantik geschichtlicher Zeiten*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1995. p.349ss.



liberdade e mesmo da própria vida.

Portanto, o fenômeno que se observa a partir disso é o seguinte: a própria ordem imposta pelo capital, ao encobrir sua origem como produto do trabalho humano, se apresenta como ordem natural ante a qual o ser humano não pode fazer outra coisa a não ser se resignar. Mais ainda, para não parecer explicitamente uma ordem pré-moderna, o capital passa a ser justificado na superfície como realização do ideal moderno. A liberdade e a emancipação seriam alcançadas com o trabalho. A ética do trabalho que aí emerge, com o claro resultado de manter a ordem através de sua introjeção pelos sujeitos, realiza esta função.

O que se torna claro, a partir disso, é que a ordem objetiva de uma sociedade regida pelas leis do capital nunca se apresenta como de fato ela é. O discurso da modernidade como época da liberdade é cooptado como instância de justificação de uma ordem social pré-moderna em sua essência. Essa ordem é pré-moderna pois nega aos seres humanos a condição de sujeitos da história. Dentro desta ordem o ser humano é objeto útil para a reprodução do capital. Este, o capital, é o verdadeiro e novo sujeito.

Realizamos todo este percurso argumentativo para, desde esta situação objetiva, localizar o papel da filosofia e o legado da Teoria Crítica e de seus precursores no mundo atual. Obviamente, estamos cientes de que a multiplicidade de questões e respostas filosóficas que hoje podemos verificar não pode ser reduzida a um único conceito. A filosofia é essencialmente plural. Ainda assim, uma tradição específica tem nos interessado neste momento: a tradição crítica de pensar uma dialética da modernidade, de pensar a equivocidade e as contradições deste projeto. Pensar, assim, as potencialidades emancipatórias e os aspectos que precisam ser criticados neste projeto. Como já o manifestava Hegel, a filosofia é o paciente trabalho e esforço do conceito.

O termo conceito, porém, na tradição dialética à qual aqui nos filiamos, não é uma unidade abarcadora. Não é uma palavra sob a qual se colocam algumas coisas no mundo real. Conceito, na tradição dialética, é o movimento próprio da realidade. A lógica objetiva desse movimento da realidade é o próprio conceito dessa realidade. Dessa forma, fazer filosofia é um ato radical. É ir até a raiz. É não aceitar discursos superficiais. É a necessidade de acompanhar o desdobramento objetivo da realidade para perceber o abismo desta realidade em relação à sua apresentação como discurso. É desconstruir as instâncias de justificação e legitimação do que está instituído.

Neste sentido, no início deste novo e já conturbado século XXI, algumas narrativas tipicamente unilaterais como a metafísica do progresso ainda estão fortemente presentes no imaginário social bem como na ordem objetiva de uma economia do crescimento infinito. A tentativa de encobrir as contradições desta ordem objetiva para com as exigências éticas do mundo contemporâneo precisa ser sempre novamente desmascarada. Ao apresentar, por exemplo, a efetivação dos direitos humanos ou a solução para o problema dos refugiados como um resultado progressivo do desenvolvimento econômico encobre-se o fato de a própria lógica do mercado ser produtora destas e de outras tantas crises.



Percebe-se, dessa maneira, que o pensamento é precedido por uma decisão ética. O pensar só se põe em marcha quando se decide pensar para manter a realidade como ela está, ou seja, para justificá-la, ou para desconstruir os discursos que em sua positividade justificam uma realidade que não pode ser aceita de nenhuma forma. Esta decisão ética sobre o uso prático do pensamento é o próprio impulso do pensar. Assim, um pensamento ético – ético pois funda a realidade – é aquele capaz de ouvir os apelos daqueles que de dentro de uma ordem instituída e sacrificial, fazem do seu holocausto o grito que não pode passar despercebido. A atualidade da Teoria Crítica é, dessa maneira, atestada exatamente pela sua permanência no elemento da negatividade. Ou seja, o ponto de partida e elemento fundador do pensamento é a impossibilidade de aceitar qualquer justificação de uma ordem social onde a vida não é o princípio organizador da realidade. Em uma realidade como a nossa, na qual vidas são meros apêndices de um sistema de mercado que define quando podem ser descartadas, continua sendo tarefa necessária expor o princípio organizador desta realidade para que as contradições sejam desveladas e não encobertas por discursos legitimadores.



REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Actualidade de la Filosofía**. (Trad: José Luis Arantegui Tamayo, Introd: Antonio Aguilera). Barcelona: Paidós, 1991.

ADORNO, Theodor W. Drei Studien zu Hegel. In: **Gesammelte Schriften in 20 Bänden**. Band 5. (Herausgegeben von Rolf Tiedemann unter Mitwirkung von Gretel Adorno.) 3. Aufl. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1990.

ADORNO, Theodor W. **Três Estudos sobre Hegel**. Trad. Ulisses Razzante Vaccari. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

DERRIDA, Jacques. **Espectros de Marx**. Trad: Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

FLECK, Amaro de Oliveira. **Theodor W. Adorno**: Um crítico na era dourada do Capitalismo. Tese de Doutorado. (UFSC) 2015.

KOSELLECK, Reinhart. **Vergangene Zukunft**: zur Semantik geschichtlicher Zeiten. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1995.

PERIUS, Oneide. **Esclarecimento e Dialética Negativa**: sobre a negatividade do conceito em Theodor W. Adorno. Passo Fundo: Editora IFIBE, 2008.

PERIUS, Oneide. **Walter Benjamin**: a filosofia como exercício. Passo Fundo: Editora IFIBE, 2013.

* * *

PERIUS, Oneide. Sobre a atualidade da Teoria Crítica: alguns aspectos. **Kalagatos**, Fortaleza, v. 13, n. 27, 2016, p. 185-193.

Recebido: 09/10/2016
Aprovado: 10/11/2016

